

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : F.S.P.CLASS. : 155DATA : 05/04/89PG. : A-3

O cenário do assassinato de Iabner Suruí

BETTY MINDLIN E MAURO LEONEL

Os líderes e guerreiros Suruí de Rondônia não querem que a morte de Iabner seja esquecida. Iabadai, por exemplo, jovem líder, ditou um depoimento à imprensa, contando como Iabner foi assassinado, na vizinha área indígena Zoró, tendo o corpo esquartejado e queimado, no dia 16 de outubro de 1988, por um grupo de peões e pistoleiros de garimpos e madeiras. Outros cinco índios escaparam dos tiros por milagre, enquanto um outro grupo, ainda, de 30 índios, conseguiu revidar o tiroteio.

Como sempre, os mandantes do crime continuam impunes, e prosseguem as atividades nas áreas indígenas do norte de Mato Grosso e Rondônia. Alguns dos assassinos teriam sido detidos. Mas além do crime como fato jurídico, permanece o quadro de invasões quase generalizadas que levarão à repetição inevitável de fatos como estes.

Para a tradição Suruí, sangue exigiria sangue. Hoje, não querendo recorrer à violência, tem dificuldades para dar vazão à sua indignação e ao seu direito. Reconhecem que estão cercados por todos os lados, poucos e minoritários, e que precisam usar outros instrumentos de resistência para não serem massacrados até o último homem, como no caso americano de Wounded Knee, em 1890.

Uma das soluções seria o governo usar vontade política — e pequena parte do enorme volume de recursos que deslocou para a pavimentação da rodovia Cuiabá-Porto Velho (BR-364) — para resolver as graves sequelas que deixou em sua passagem. Há poucas chances de que esse

final de governo se preocupe com o tema. Os planos para a continuidade do Programa Polonoroeste 2 não parecem prever um componente indígena ou improvisam com a mesma ineficácia que acompanhamos de 1982 a 1987, quando os recursos foram dilapidados a serviço da engorda de uma instituição desastrosa como a Funai (Fundação Nacional do Índio).

Abdicando-se, portanto, de expectativas de uma intervenção ampla da política governamental, o cenário da região deixa os índios numa situação bastante complicada. Deuse livre curso, na Funai e nas elites governamentais nas esferas estadual e federal, à mesma ótica do início da década, quando se loteavam sem cerimônia as terras indígenas, em proveito de empresas agropecuárias e projetos de colonização — agora com ênfase maior nas empresas madeiras e garimpos. É flagrante, por exemplo, no depoimento dos jovens líderes Suruí, que os índios têm um quadro da situação lúcido e muito melhor delineado do que têm as nossas autoridades — mas estão num beco sem saída.

O primeiro grande impasse — e vale para a maioria dos grupos indígenas da região — é como manter um uso adequado e sustentável dos recursos naturais, através de agriculturas diversificadas e em respeito às tradições e ao modo de ser indígena. Os índios precisam de renda monetária para consumir bens e serviços, e devem ter uma produção para o mercado. É a partir dessa nova necessidade que se imiscuem ou introduzem privilegiadamente as alternativas predatórias.

A Funai não tem mais solução. Não serve nem mesmo para atendimento médico e orienta os índios a que resolvam seus problemas vendendo madeira e minério. Alguns funcionários chegam até mesmo a ser intermediários em negociações onde os índios são eternos perdedores, enquanto quantidades de madeira com um valor de exportação de milhões de dólares são extraídas anualmente de suas terras. Este drama é o mais grave desafio aos índios e seus aliados, em particular nesse ano, durante a elaboração da legislação ordinária e da delicada revisão do Estatuto do Índio e das instituições indigenistas oficiais.

Pior ainda, essa revisão da legislação se dá no momento em que os índios e a natureza perdem em todos os rincões da Amazônia, enquanto há teimosia das autoridades em repetir, em versão piorada, a conquista do oeste americano.

Para nos atermos à área de abrangência do Programa Polonoroeste, vale lembrar que esta difícil transição à economia de mercado se dá com a situação fundiária mal resolvida para a maioria das áreas indígenas.

Tomem-se dois exemplos. Primeiro, o dos próprios Zoró, em cujo território morreu Iabner. Juntaram-se vários grupos do Parque Indígena do Aripuanã, numa tentativa desesperada de limpar a área de colonos, em grande parte contratados por empresas madeiras e garimpos. A estrada que deu origem a essas invasões está para ser fechada desde o início da década. Há, inclusive, uma decisão do Supremo Tribunal Federal nesse senti-

do. Através de subterfúgios que vão até a manipulação, a Funai continua permitindo a livre circulação na área. Os índios preparam nova ofensiva contra os garimpos.

O segundo exemplo é o dos Urueu-wau-wau, que habitam uma área que é também do extinto IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), área vital de proteção das nascentes de importantes afluentes dos rios Madeira e Amazonas, que se insiste em desmembrar, uma vez que não se compreendeu, nem se admitiu, que além dos índios, muitos isolados, morrendo dezenas, a área foi decretada para a proteção dos recursos hídricos e de outros recursos naturais em zona montanhosa e infértil. Lá, também se encontram centenas de garimpeiros, e importante lobby do Ariquemes pretende minerar e colonizar as nascentes do rio Jamarí, além de abrir fazendas agropecuárias, apesar do desmate de nascentes e margens ser proibido.

Abandonando qualquer esperança na eficácia da ação do poder público, resta aos índios e aos seus poucos aliados desdobrar-se em imaginação e lucidez, tipo David contra Goliás, fortalecendo, como vêm fazendo, sua autonomia e suas organizações, como a UNI (União das Nações Indígenas) e conselhos indígenas e associações locais, enquanto tentam reverter as tendências dominantes nas políticas públicas.

BETTY MINDLIN, mestre em economia pela Universidade de Cornell (EUA) e doutora em antropologia (PUC-SP), é pesquisadora do Instituto de Antropologia e Meio Ambiente (Iama).
MAURO LEONEL, mestre em economia política pela Universidade de Paris (França) e mestre em ciências sociais pela PUC-SP, é o presidente do Iama.